

acritica

10 DE MÃOS DADAS
COM O POVO



CREADA POR
UMBERTO CALDERARO FILHO
E SEU IRMÃO PAULO
BITTA DE ARAÚJO CALDERARO

Seduc convoca

Secretaria de Estado de Educação
chama aprovados do INEA para a classificação

ESTUDO DE VIABILIDADE

Exploração de madeira em lago

Triton Logging Brasil sugeriu a cientistas e representantes de órgãos públicos a possibilidade de explorar florestas alagadas na área da Usina de Balbina

GERSON SEVERO DANTAS
DA EQUIPE DE A CRÍTICA

A empresa canadense Triton Logging Brasil apresentou ontem, a um grupo de cientistas e representantes de órgãos públicos, a proposta de realizar um estudo de viabilidade técnica para exploração da madeira submersa no lago da Usina Hidrelétrica de Balbina, no Município de Presidente Figueiredo (a 107 quilômetros de Manaus).

O presidente da Triton, Alexandre Lima, diz que a empresa atua em seis países sendo a líder mundial na exploração de floresta alagada. Em Balbina, as possibilidades de exploração estão concentradas na exploração da madeira, dos resíduos e na remediação (limpeza) do lago. "Na Eletronorte sabemos que eles querem uma solução para a questão dos resíduos que fazem parar as turbinas", informou Alexandre.

Conforme a apresentação, a Triton pretende, constatada a viabilidade técnica, ambiental e comer-



Em Balbina, podem ser explorados a madeira, os resíduos e a remediação do lago

Márcio James - 07/03/2009

Blog

“ Nádía Ferreira

SEC. DE EST. DO MEIO AMBIENTE
E DES. SUSTENTÁVEL

“A empresa Triton Logging Brasil quer fazer o estudo de viabilidade econômica, ambiental e comercial, um trabalho caro e que não terá dinheiro público envolvido, um estudo de 90 dias.

Eles procuraram a secretaria em abril e, nesse momento, a preocupação é compartilhar informações, nivelar as informações entre os diversos órgãos, pois Balbina tem questões fundiárias e indígenas, por exemplo. Ressalto que o estudo abre a possibilidade de o AM ser pioneiro neste tipo de negócio. Lembro, também, que desde o início a empresa deixou claro que o plano ‘A’ deles é fazer o estudo na hidrelétrica de Tucuruí, mas que por uma série de fatores o negócio não foi fechado.”

cial da madeira, usar tecnologias próprias e estimular a cadeia produtiva local. “A Triton não é madeireira. Coletamos madeira e vendemos às madeireiras”, esclarece. Neste ponto, Alexandre diz que a empresa opta por vender a madeira para empresas certificadas. “Também ajudamos as madeireiras a

conseguir certificação”, afirmou.

Sobre a tecnologia, que poderia gerar novos impactos ambientais, ele diz que é minimamente invasiva. Uma delas é o robô Sawfish, que é operado por controle remoto. Capaz de cortar 100 árvores por dia, o robô prende um airbag no tronco e faz o corte, a madeira flutua e é recolhida a uma balsa. Contudo, a Triton pensa que para Balbina o ideal é o uso de uma tecnologia que está em fase final de desenvolvimento.

“Trata-se do Shark, um barco que tem um braço mecânico que atraca-se ao tronco da árvore e o recolhe após o corte”, explica. Essa tecnologia é indicada para lagos rasos, como Balbina, que tem profundidade média de 9,6 metros. “Na área que temos interesse a profundidade é de 15 metros.”

O estudo proposto pela Triton tem custo de US\$ 1 milhão e envolve a contratação de pessoal local. Presentes ao encontro, cientistas do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) lembraram que em 1984 foi feito um trabalho semelhante e indicou a possibilidade de aproveitamento de 40 espécies, todas com os volumes definidos.

Os cientistas também manifestaram preocupação com o impacto gerado na qualidade da água, população de peixes e emissão de gases do efeito estufa. “Acho importante o estudo, pois não sabemos qual será o impacto desta atividade numa hidrelétrica na Amazônia”, advertiu o pesquisador Alexandre Kemenes.

Estabilidade preocupa cientistas

A estabilidade do ecossistema formado em torno da Usina Hidrelétrica de Balbina foi a principal preocupação dos cientistas que ouviram os planos da Triton Logging Brasil de explorar a madeira submersa no lago.

Pesquisador do Inpa, Efreim Ferreira disse que a comunidade de peixes do lago se alimentam do fitoplâncton existente nos troncos das árvores e questionou se a empresa pretende retirar todas as árvores do lago. “Isso será definido pelo estudo, mas acreditamos que em Tucuruí a operação se viabiliza com o corte de apenas 40% das árvores”, respondeu Alexandre Lima.

Socorro Rocha, também do Inpa, ponderou que atividades deste tipo geram impactos negativos e positivos e lembrou que a retirada da madeira vai melhorar a qualidade da água, mas pode ser uma ameaça para os peixes. Houve também preocupação com o aumento dos banzeiros, hoje amortecidos pela ação das árvores e dos resíduos no fundo do lago.